SJ002: A morte de Ivan Ílitch

* **Título:** *A morte de Ivan Ílitch*
* **Autor:** Lev Tolstói
* **Linha fina:** A novela que começa com o tecimento de crítica sutil e salpicada com amaciada ironia, que expõe futilidades do universo de classe média na Rússia Imperial, é construída de modo a ir, pouco a pouco, até o extremo: o mergulho no psicológico mais íntimo do funcionário público Ivan Ílitch
* **Coleção:** Hedra Edições
* **Nacionalidade:** Russa
* **Título original:** *Smiert ivana ilhitchá*
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à tradução de Irineu Franco Perpetuo
* **Categoria:** Literatura
  + **BISAC:** FIC018000: Ficção/Clássicos; FIC027000: Ficção/Psicológico; FIC049000: Ficção/Clássicos/Russo e Soviético
  + **Thema:** [FR] Romance
* **Escola:** Novela
* **Assunto:** Realismo russo, Romance psicológico; Morte na literatura; Psicologia; Crítica social; Ironia; Literatura russa; Leon Tolstói; Funcionário público; Guerra e paz; Anna Kariénina
* **Edição:** Jorge Sallum
* **Tradução:** Irineu Franco Perpetuo
* **Introdução:** Paulo Henrique Pompermaier
* **Editor assistente:** Paulo Pompermaier
* **Assistência editorial:** Julia Murachovsky
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 100
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-723-5
* **Data de entrega de arquivos:** 23 de fevereiro de 2024
* **Sobre o livro:** Após consagrar-se a elaboração de longos romances, entre os quais Guerra e paz (1863–69) e Anna Kariénina (1873–78), Tolstói publica, em 1886, A morte de Ivan Ílitch, o qual integra "uma série de textos breves que um já consagrado Tolstói produzira por volta dos seus cinquenta anos de vida". Nessa concisa narrativa, o escritor russo detém-se sob a "corriqueira" e, por isso mesmo, "terrível" vida de um funcionário público médio, preenchida por ambições mesquinhas e relações regidas por interesses e conveniências. É apenas a partir do distanciamento que a iminência da morte lhe impõe que Ivan Ílitch torna-se capaz de reavaliar a vida que levou até então. Diante do seu inevitável fim, o protagonista não enxerga mais sentido nos seus esforços infindos para seguir à risca os protocolos sociais, a fim de adequar-se ao mundo das aparências. Percebe como suas escolhas priorizaram aquilo que se esperava de um homem que ocupava sua posição social, mas que muitas delas não foram mais do que fontes de aborrecimento, em nada contribuindo para sua verdadeira felicidade. Através da existência medíocre de Ivan Ílitch, o romance tece uma "crítica sutil, salpicada com amaciada ironia, expõe as futilidades e pequenezas de um universo de classe média na Rússia Imperial". E se, num primeiro momento, o livro retrata "a mediocridade cotidiana, [...] a narrativa que conduz o caminho longo até a morte vai se esvaindo do relato da pequenez, até que a personagem principal atinge um algo mais sublime", de modo que "saímos muito sutilmente, do universo cotidiano, mesquinho, ganancioso e pretensioso das repartições, para irmos, paulatinamente, quase como em adágio, ao mais íntimo psicológico de Ivan Ílitch."
* **Sobre o autor:** Lev Tolstói (1828–1910), tido como um dos mais importantes e influentes escritores do seu tempo, foi o principal representante do realismo russo. Ainda menino, perde ambos os pais, sendo educado por tutores e depois por uma tia. Em 1845, ingressou na Universidade de Kazan, mas não chegou a concluí-la, sendo, no fim das contas, um autodidata — era conhecedor de muitas línguas e filosofias. Seu primeiro texto, *Infância*, saiu em 1852 na revista *O contemporâneo*. Após seu casamento com Sófia Andréievna em 1862, deu-se início à  fase de seus longos romances, de *Guerra e paz* (1863—69) até *Anna Kariénina* (1873—78). Seu último romance foi *Ressurreição* (1889). Embora seja considerado "o mestre insuperado do gênero que se costumou chamar romance psicológico do século XIX", também aventurou-se por outros formatos,  como contos breves, diários e escritos teóricos sobre pedagogia, arte e religião. Na década de 1880, Tolstói viveu uma fase que ele próprio definiu como sua *redenção moral*. Foi nessa época que sistematizou uma série de preceitos filosóficos e religiosos que, reunidos, passaram a ser conhecidos como tolstoísmo, doutrina baseada no cristianismo, mas acrescida de outras concepções, que repercutiu no mundo todo e fez com que Tolstói fosse excomungado da Igreja Ortodoxa.
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo da introdução:**
    - Crítica sutil, salpicada com amaciada ironia, expõe as futilidades e pequenezas de um universo de classe média na Rússia Imperial. Curiosamente, alguns apontamentos do autor, ainda que claramente indiquem a que se remetem, são transcendentais, ultrapassando os limites físicos e temporais daquela sociedade. Não obstante, os lampejos cada vez mais humanizados que se presentificam nos pensamentos da personagem principal a aproximam de qualquer um de nós, na condição de humanos, ao a acompanharmos pela sua áspera jornada.
    - Ivan Ílitch se casou porque era isso que se esperava de um homem classificado como decente, mas, ao longo da história, é percebido que o matrimônio constituiu pouco mais do que uma fonte de aborrecimento.
    - Enquanto padece, reflete sobre sua história. E nos caminhos sinuosos de seu pensamento percebe que tem poucas lembranças de verdadeira felicidade. Irrita-se ao ver sua família seguindo a vida normalmente, vendo que tornou-se um estorvo, e suspeita que talvez sempre o tenha sido.
    - Nesse momento, já em seus instantes finais, Ivan Ílitch percebe o qual insossa foi sua vida. Percebe que a razão dessa colheita insípida foi fruto de sua própria semeadura medíocre. Lamenta o tempo perdido com frivolidades. Percebe que toda a pompa fora desimportante, e que tudo em sua vida se resume, com exceção de algumas recordações de sua meninice, a uma rotina afetada.
    - Similarmente a Memórias Póstumas de Brás Cubas, temos em A Morte de Ivan Ílitch uma história que começa a partir da morte da personagem principal e, no desenrolar do livro, conhecemos com mais detalhes sua biografia. A diferença resta no fato de aquele saber que está morto, e sua narrativa consiste em rememorações de sua história já consciente de seu fim, enquanto com Ivan Ílitch, embora saibamos de seu fim, percorremos sua história pari passu com suas angústias e temores. E é no passar dessas linhas, é-nos apresentada a genialidade de Tolstói, que tão brandamente conduz a narrativa. No livro, saímos muito sutilmente, do universo cotidiano, mesquinho, ganancioso e pretensioso das repartições, para irmos, paulatinamente, quase como em adágio, ao mais íntimo psicológico de Ivan Ílitch.
    - O livro começa retratando a mediocridade cotidiana, porém, a narrativa que conduz o caminho longo até a morte vai se esvaindo do relato da pequenez, até que a personagem principal atinge um algo mais sublime. E tão delicadamente a personagem sai da sensação de penitência por ter gastado prodigamente a vida, para um estado mais contemplativo e benevolente frente à sua finitude.
  + **Capítulo do texto:**
    - A história pregressa da vida de Ivan Ilitch era a mais simples e corriqueira, e a mais terrível. Ivan Ilitch morreu aos 45 anos, membro da Câmara de Justiça. Era filho de um funcionário público, que, em diversos ministérios e departamentos, fizera aquela carreira que leva às pessoas à situação na qual, embora fique claro que não estão aptas a desempenhar qualquer função significativa, não podem ser despedidas devido ao cargo e tempo de serviço e, por isso, recebem postos fictícios por nada fictícios milhares de rublos, de seis a dez, com os quais vivem até a mais avançada velhice. Assim era o conselheiro privado Ilia Efímovitch Golovin, membro desnecessário de diversas instituições desnecessárias.
    - Não fora bajulador nem em criança, nem depois, adulto, só que, desde a juventude, sentia-se atraído pelas pessoas de posição social elevada, como uma mosca pela luz, assimilando seus modos, sua visão de vida, e estabelecendo com elas relações de amizade.
    - Dizer que Ivan Ilitch tinha se casado por amar sua noiva e por encontrar nela compreensão por sua visão de vida teria sido tão injusto quanto dizer que se casara porque as pessoas de seu círculo aprovavam o par. Ivan Ilitch se casara por ambas as considerações: tinha prazer em adquirir uma mulher daquelas e, além disso, estava fazendo aquilo que as pessoas de posição elevada achavam certo.
    - Exigia da vida conjugal apenas o jantar doméstico, a dona de casa, o leito, confortos que ela podia lhe proporcionar e, principalmente, a decência na aparência externa, que determinava a opinião da sociedade.
    - Na verdade, havia ali o que acontece com todas pessoas que não são ricas de verdade, mas querem parecer ricas e, dessa forma, só se parecem umas com as outras: damasco, ébano, flores, tapetes e bronzes, escuros e brilhantes — tudo que todas as pessoas de um determinado tipo fazem para se parecer com todas as pessoas de um determinado tipo. No caso dele, tudo era tão imitativo que nem chamava a atenção; para Ivan Ilitch, porém, parecia muito especial.
    - Ivan Ilitch viu que estava morrendo, e seu desespero era constante. No fundo da alma, Ivan Ilitch sabia que estava morrendo, porém não apenas não se acostumava a isso, como simplesmente não entendia, não podia compreender de forma alguma.
    - Aquele exemplo de silogismo que aprendera na lógica de Kiesewetter — Caio é uma pessoa, as pessoas são mortais, logo Caio é mortal — por toda sua vida lhe parecera certo apenas com relação a Caio, mas jamais a si mesmo. Pois Caio era uma pessoa, uma pessoa em geral, e isso era totalmente justo; mas ele não era Caio, nem uma pessoa em geral, e sempre fora em tudo, em tudo diferente de todas as outras criaturas; fora Vânia com a mamãe, o papai, Mítia e Volódia, com os brinquedos, o cocheiro, a babá, depois com Kátienka, com todas as alegrias, pesares, entusiasmos da infância, juventude, mocidade. Por acaso para Caio havia aquele cheiro da bolinha de couro listrada, de que Vânia tanto gostava? Por acaso Caio beijava daquele jeito as mãos da mãe, e por acaso era para Caio que as pregas de seda do vestido da mãe farfalhavam daquele jeito? Por acaso ele protestara por causa de uns pirojkí na Escola de Direito? Por acaso Caio se apaixonara tanto? Por acaso Caio podia conduzir audiências daquela forma?
    - Caio é realmente mortal, e é justo que morra, mas eu, Vânia, Ivan Ilitch, com todos meus sentimentos e ideias, sou outra coisa. Não pode ser que me aconteça de morrer. Isso seria horrível demais.
    - Como isso aconteceu no terceiro mês da doença de Ivan Ilitch não dava para dizer, pois aconteceu passo a passo, mas o fato é que a mulher, a filha, o filho, a criadagem, os médicos e, principalmente, ele mesmo, sabiam que o único interesse dele para os outros consistia apenas em quando finalmente desocuparia o lugar, libertaria os outros do constrangimento causado por sua presença e a si mesmo de seus sofrimentos.
    - — Acabou! — disse alguém acima dele. Ele ouviu tais palavras e as repetiu na alma. "Acabou a morte — disse para si. — Ela não existe mais". Inalou ar, parou no meio do suspiro, aprumou-se e morreu.
* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)

**Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)